



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5667 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

DA RELAÇÃO DO ALUNO DE ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS DE ENSINO MÉDIO COM A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE REALIDADES E POSSIBILIDADES.

Rodrigo Alves dos Santos - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMIG

DA RELAÇÃO DO ALUNO DE ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS DE ENSINO MÉDIO COM A LEITURA LITERÁRIA: ENTRE REALIDADES E POSSIBILIDADES.

Resumo

Neste texto, apresentamos resultados de uma investigação realizada entre meados de 2016 e meados de 2018 e que inquiriu jovens estudantes de escolas públicas de uma cidade média do interior de Minas Gerais sobre sua relação com a leitura de literatura. A partir desses resultados, são discutidos, em diálogo com estudiosos da formação de leitores de literatura alguns dos conflitos enfrentados na formação de leitores jovens do país, mas também apontadas algumas possibilidades.

Palavras-chave: Formação de leitores; Literatura; Escolas Públicas; Ensino Médio.

Primeiras palavras

Ao refletir sobre a relação entre a escola regular e os jovens que a frequentam, Corti (2006) adverte que

as características trazidas pelos jovens, sejam elas aprovadas ou desaprovadas pelos professores, são matéria-prima a partir da qual se constrói a possibilidade concreta do trabalho educativo. Por isso, a condição juvenil atual deve ser vista como ponto de partida, e não como um empecilho ou obstáculo para a escola. [O que] implica[ria] aceitar que o processo educativo precisa considerar efetivamente o que as pessoas são, fazem e pensam, e não o que deveriam ser, fazer ou pensar. (CORTI, 2006, s/p).

Investidos de uma concordância com tal advertência é que, neste texto, apresentamos resultados de uma investigação realizada entre meados de 2016 e meados de 2018 e que inquiriu jovens estudantes de escolas públicas de uma cidade média do interior de Minas Gerais sobre sua relação com a leitura de literatura. Tem-se aqui, portanto, um estudo que se alinha com a prerrogativa de que, se quisermos, de fato, realizar um trabalho com a leitura literária que promova aprendizagens significativas na formação dos desejados leitores críticos de textos literários almejados pelo discurso oficial (BRASIL 2006; 2018), é necessário, antes de tudo, conhecer a relação desse jovem com a literatura e com o texto literário, a partir do seu próprio ponto de vista.

Assumir tal prerrogativa implica, primeiramente, reconhecer o quão pejorativas têm sido as imagens por meio das quais as sociedades contemporâneas se acostumaram a abordar o jovem:

ao longo dos anos, os jovens têm sido vistos de forma bastante negativa, o que tem motivado a criação de imagens estigmatizadoras desse grupo de pessoas. Na imprensa, por exemplo, os jovens têm aparecido com frequência e o que se vê, de modo geral, é sua imagem vinculada à violência: envolvimento com o narcotráfico, prostituição, assaltos, sequestros ora como atores ora como vítimas. [...] Isso acaba gerando uma série de preconceitos e, conseqüentemente, uma série de conflitos entre estes e os adultos, os quais estão na ordem do dia, apresentam-se de diferentes formas e em diferentes lugares e, infelizmente, produzem resultados extremamente negativos, o que na escola é visível. (AURORA NETA, 2017, p.07).

No que tange especificamente à relação entre os jovens e a leitura de textos literários em contexto escolar de nível médio, toda essa estereotipia generalizada acerca do jovem - em particular o das escolas públicas de nível médio - veio alimentando um antigo e cristalizado entendimento, assumido por alguns professores, de que o estudante dessa faixa etária "não tem o que dizer acerca dos textos literários", logo, não é capaz de fazer uma *leitura autoral válida* de uma obra, trecho ou texto a ele apresentado. Sendo esse um dos entendimentos dos quais urge que a escola regular se liberte para que possa alcançar, entre os alunos do ensino médio, a superação de velhos dilemas no ensino da língua portuguesa (SANTOS, 2018), seu reconhecimento só se tornará válido a partir do momento em que for feito com a vistas não a julgar *a priori* a relação do jovem com a literatura e com a leitura literária e sim a identificar, na materialidade dessa relação, possíveis pontos de partida para ações pedagógicas de formação de leitores. Nesse último movimento, estaria, portanto, um segundo passo para alcançar, em relação ao ensino médio, a construção daquela *escolarização adequada* da literatura de que um dia tratou Soares (In.: MARTINS, BRANDÃO, MACHADO, 1999), ao se referir ao ensino fundamental.

A perspectiva sobre a qual se assenta a pesquisa que deu origem ao presente texto, portanto, comunga de uma defesa pela incorporação, na escola regular, de um entendimento já assumido por Mendonça e Buzen (2015, p.39) para outros contextos formativos. Assim, é preciso que a escola de nível médio tenha como um de seus princípios "explorar as potencialidades dos jovens como pessoas que participam de práticas sociais de letramento e convivem com o mundo da leitura e da escrita, seja ele mais ou menos valorizado pela sociedade". No âmbito que interessa à reflexão aqui feita - ou seja da formação de leitores jovens em ambiente escolar de final da educação básica- isso não é tarefa fácil, já que, nesse ambiente,

a discussão sobre a relação do jovem com a leitura tem sido, normalmente, fundamentada na valorização do livro impresso como suporte privilegiado, sendo que no caso da escola, na maioria das vezes, ao se falar em livro, não se está definindo um artefato qualquer. Fala-se em determinados livros considerados representantes da cultura letrada, da cultura erudita ou dos cânones literários que, por este motivo, seriam capazes de exercer um efeito civilizador sobre seus leitores. (OSWALD; ROCHA, 2013, p. 269)

Ante a esse quadro acima apresentado e partir das convicções há pouco explicitadas, mobilizamos esforços para a realização de uma investigação que, dando vez e voz aos jovens estudantes de ensino médio da rede estadual de uma cidade média de Minas

Gerais, buscamos compreender como se dava a relação desses sujeitos com a literatura. Assim sendo, neste texto, apresentamos alguns dos principais resultados dessa investigação, acompanhados de reflexões que buscam vislumbrar possibilidades de ações de promoção da leitura literária a serem implementadas em cenários como o identificado. Para cumprir tal tarefa, esta comunicação apresenta, além destas considerações iniciais, um próximo tópico no qual se descreve o percurso metodológico traçado na pesquisa empírica. Soma-se a essas duas partes uma terceira em que se apresentam os resultados obtidos e se discutem possibilidades de ações de intervenção pensadas a partir deles. Na quarta parte, realizam-se reflexões que compõem as considerações finais desta comunicação.

Percurso metodológico

A pesquisa empírica que deu origem ao presente texto foi realizada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, município polo do Oeste deste Estado e também da maior cidade da Mesorregião do Oeste de Minas e da microrregião de mesmo nome. Localizada próxima à região metropolitana de Belo Horizonte – de onde dista cerca de 120 quilômetros –, a cidade conta, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2017, com uma população de 234.937 habitantes.

Para a coleta de dados, foi desenvolvida uma versão impressa e uma *on-line* de um questionário a ser aplicado a alunos do ensino médio da rede pública estadual existente na cidade, tendo em vista não haver na ali escolas municipais ofertando tal modalidade de ensino. A versão final desse instrumento de coleta de dados foi elaborada considerando sugestões de grupos de alunos selecionados aleatoriamente em algumas escolas participantes, a partir de distintos modelos de questionários e perguntas a eles apresentados. Nestes termos, as perguntas existentes, as alternativas disponibilizadas e, em alguns casos, a redação das questões contaram com uma participação ativa desses alunos na construção do instrumento de coleta de dados, sendo esse um dos diferenciais da investigação em causa.

Finalizada em meados de 2018, a coleta de dados foi feita por meio de seleção de um grupo de amostragem de trinta alunos de cada escola que se dispôs a participar do estudo, sendo ele composto por dez alunos de cada uma das três séries do ensino médio ali existentes. A identificação das escolas estaduais foi feita com a ajuda da Superintendência Regional de Ensino de Divinópolis, instituição que também mediou os primeiros contatos entre pesquisadores e instituições de ensino, ficando a cargo destas selecionar os discentes que comporiam o grupo de amostragem com trinta membros, de modo a contemplar, conforme solicitado pela coordenação da pesquisa, a maior diversidade possível de perfis discentes existentes nas séries dos anos finais da educação básica. Também foram as escolas as responsáveis pela indicação do momento mais adequado para aplicação do instrumento de coleta de dados, sendo dada aos alunos participantes a opção de respondê-lo ou na sua versão impressa convencional ou na versão *on-line* disponível, via internet, quando a infraestrutura da instituição assim o permitia, fosse por meio de computadores ou em aparelhos de telefone móvel.

Das vinte escolas públicas que ofereciam o ensino médio regular na cidade à época da coleta de dados, seis foram aquelas que conseguiram organizar os termos de assentimento e consentimento para realização da investigação, compondo, portando, um grupo de cento e oitenta questionários respondidos, os quais tiveram seus dados compilados para dar origem aos dados constados nos tópicos que seguem.

Destaque-se que a opção pela realização da coleta de dados primeiramente com discentes das escolas públicas de ensino médio do município já citado se deveu à verificação da inexistência de dados que, sendo coletados junto aos jovens estudantes desse nível de ensino, pudessem fomentar ações de promoção da leitura literária e de formação de leitores de textos literários envolvendo uma ou mais escolas, bem como políticas locais de promoção da leitura de textos literários voltadas para a aproximação entre jovens e a cultura literária, uma demanda vocalizada por instituições públicas de diferentes esferas interessadas na melhoria dessa relação. Entre tais instituições estavam, por exemplo, a Superintendência Regional de Ensino, instituições de ensino superior públicas e privadas atuantes na formação inicial e continuada de professores, bibliotecas escolares e biblioteca municipal. Realizada a primeira parte da investigação cujos dados se apresentarão a seguir, a intenção é a execução de um outro momento de coleta de dados, contemplando o público da rede privada de ensino não abordado até o presente momento ou mesmo instituições públicas estaduais não contempladas nesta primeira edição da pesquisa.

O jovem estudante do ensino médio e sua relação com a leitura de literatura: entre realidades e possibilidades

Ao contrário de outras pesquisas que se voltaram para apreensão dos hábitos de leitura de grupos sociais, não nos interessou, para os objetivos da investigação de que tratamos aqui, fazer um detalhamento sobre a caracterização dos sujeitos inquiridos, tendo em vista, conforme já mencionado, a opção de trabalhar com uma amostragem de alunos de ensino médio que se caracterizasse exatamente pela dispersão de perfis dos entrevistados. Nesse sentido, foi observado, durante a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, um cuidado, por parte das instituições colaboradoras, no sentido de convidarem, para a compor a amostragem, grupos de fato diversos de alunos que foram compostos por homens e mulheres; alguns em idade regular esperada para as séries, outros com pequenas distorções de dois ou três anos; de diferentes regiões da cidade; de variados extratos sociais e etnias... só para destacar alguns pontos de caracterização dos grupos. Logo, para a análise aqui empreendida esse grupo será tratado como *alunos do ensino médio*, sem nos atermos às dispersões já citadas. Isso não significa, no entanto, que desconhecamos que as singularidades de certos perfis juvenis podem se constituir como fatores decisivos na relação entre o jovem estudante do ensino médio e a literatura ou a leitura literária.

No instrumento de coleta de dados aplicado, uma das primeiras perguntas feitas aos sujeitos de pesquisa foi sobre como avaliavam a sua frequência de leitura de livros de literatura, deixando o entendimento do que seria “livro de literatura” a cargo do próprio sujeito de pesquisa, ou seja, não houve uma definição do que seria, para os realizadores da investigação, um livro dessa natureza. As respostas para essa questão apontam que uma porcentagem bastante baixa dos alunos do ensino médio (12,1%) consideram que possuem uma frequência alta de leitura de livros de literatura, com um número expressivo que se classificam no grupo de frequência média (38,9%) e uma grande parte (49%) que se vê no conjunto cuja frequência de leitura de livros de literatura é baixa. Trata-se de um dado útil se se considerar que, corroborando com os dados mais recentes da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015), a maioria dos jovens ouvidos na investigação que deu origem a este texto (92%) declaram gostar de ler, com um número um pouco menor (89%) alegando gostar de ler literatura. Logo, o que justificaria, para os jovens, esse tão expressivo número de declarantes de que leem literatura com baixa frequência? Uma resposta aparentemente esperada para tal pergunta, no contexto contemplado pela pesquisa então realizada, seria a dedicação dos jovens a outros suportes literários que não o livro, em particular as formas mais recentes e tecnológicas de vivenciar o contato com a expressividade literária:

as práticas culturais dos jovens são hoje complexas, múltiplas, inter-relacionadas e se apoiam fortemente num processo lúdico e de socialização que, por sua vez, adquire contornos cada vez mais globalizados. Em outras palavras, dificilmente um jovem lê um livro “de forma isolada”. E entenda-se essa expressão na sua ambiguidade: tanto no sentido de ler um livro e se restringir a ele ou de ler um livro na solidão e apenas para si mesmo. Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades. Frequentemente esses

livros são traduções, em sua maioria produzidos pela indústria cultural de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidos em meio a economias globalizadas. Optar pela leitura de um livro “isolado” parece ser cada vez menos a regra para os títulos que fazem maior sucesso (CECCANTINI in.: FAILLA, 2016) p.89)

Essas declarações de Ceccantini se confirmam no que se refere à língua de origem dos livros de literatura pelos quais os jovens estudantes do ensino médio das escolas públicas participantes da pesquisa manifestaram maior interesse. Nestes termos, 64,6% dos disseram preferir livros de autores originais de língua estrangeiras em traduções, enquanto 35,4% alegaram preferir obras de escritores de literaturas de expressão portuguesa.

Corroborando com as declarações de Ceccantini, os sujeitos de pesquisa, ao justificarem suas obras preferidas, evidenciaram, ainda, o quão forte tem sido a influência da visibilidade midiática dada a certas séries ou filmes inspirados em obras literárias – com vasta recorrência dos *best-sellers* de língua inglesa. Entre as obras citadas, nota-se uma dispersão de títulos entre os quais os mais recorrentes foram *A seleção*, de Kiera Cass; *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins; *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk; *As Crônicas do gelo e do fogo*, de George R. R. Martin; *Harry Potter*, de J. K. Rowling; *O Hobbit e O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. Em comum, conforme se percebe, os títulos aqui citados apresentam o traço de que não são, como mencionado na citação anterior, “o livro em si” e sim uma rede de filmes, livros, jogos e outros produtos que os jovens *con-so-mem* por influência de um alto investimento propagandístico gerado em torno desses artefatos.

Ao olhar do professor de Língua Portuguesa, dos bibliotecários e dos promotores de políticas de formação de leitores mais pessimistas e desatentos, essa profusão de títulos e autores estrangeiros pode sugerir, como têm preferido apontar alguns, a morte da literatura. No entanto, extraídos os preconceitos com o tipo de produção de que os jovens gostam e, ainda, de que tais obras já seriam de qualidade duvidosa só por serem escritas para esse público, tem-se, com esse quadro de títulos preferidos pelos estudantes das escolas investigadas, um bom ponto de partida para que se possa promover um encurtamento na distância entre os estudantes dos anos finais da educação básica em causa e a literatura. Valem, para esse caso, portanto, as palavras de Marisa Lajolo: “E como formar leitores de literatura? [...] Lendo literatura. Discutindo literatura. Toda e qualquer literatura. A que **achamos** boa e a que **achamos** ruim (LAJOLO in.: NAVAS, CARDOSO, BASTAZIN, 2018 p. 13)” [Grifos nossos].

Como bem adverte Abreu (2004, p.112), ao refletir sobre a importância de não se submeter as obras literárias aos estigmas dos julgamentos elitistas, “não há obras boas e ruins em definitivo”. Logo, mesmo que para alguns promotores da leitura e formadores de leitores os *best-sellers* não possam ser tomados como literatura, o fato de jovens como os que aqui foram inquiridos gostarem desse tipo de produção apresenta considerável potencial a criação de comunidades físicas e virtuais de leitores que se reúnam, por exemplo, para discutir enredos, analisar sua (in)coerência, avaliar percursos de personagens e modos de construção dos mesmos, buscar outros personagens e obras que dialoguem com aqueles consagrados pela literatura de massa, identificar e compreender o emprego de elementos estilísticos de que se valem os autores/tradutores na construção da escrita do texto... produzindo, assim, inicialmente, uma interação em torno de um texto ficcional de massa que, se bem conduzida, pode resultar em movimentos semelhantes em torno das obras canônicas de cuja a leitura a escola não pode prescindir.

Sobretudo no espaço da escola regular, movimentos dessa ordem podem resultar em uma política de iniciação do *letramento literário* de que tão bem tem tratado Rildo Cosson: “[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2006, p. 47-48)”.

No que se refere especificamente ao contexto escolar, dados como os evidenciados nas opiniões dos estudantes de ensino médio inquiridos na pesquisa que deu origem a este texto apresentam considerável potencial para, por exemplo, ainda de acordo com as proposições de Cosson (2006), permitir o encaminhamento das sequências didáticas básica ou expandida de promoção do *letramento literário* em contexto escolar. Em outras palavras, as etapas da *motivação*, da *introdução*, da *leitura*, da *interpretação*, da *contextualização* e da *expansão* propostas por este pesquisador podem, de início, tomar como “texto-base” um *best-seller*, para, em um segundo momento, ir se dirigindo, por exemplo, à leitura de uma obra canônica cuja temática se aproxime daquela abordada por um dos volumes de *Harry Potter*. Isso requer, no entanto, que os promotores de leitura e formadores de leitores assumam como princípio as palavras de Mindlin: “[...] a leitura é um mundo de liberdade intelectual. É quase irrelevante que as primeiras leituras tenham, ou não, a assim chamada ‘qualidade literária’, embora obviamente quando a tiverem será preferível. A seleção vem com o tempo, o importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura (MINDLIN, 2009, p.17)”.

No caso do contexto no qual foi realizada a investigação que deu origem a este texto, um outro elemento com forte potencial propulsor para o encurtamento do distanciamento entre os jovens estudantes do ensino médio das escolas públicas pesquisadas e a literatura foi a opinião de amigos acerca dos livros que leem. Isso porque, quando perguntados sobre como selecionaram o último livro de literatura que leram, 62% apontaram que foi por indicação de um amigo; 19% disseram que foi por indicação de um professor; 9% por indicação da família; e 10% alegaram ter selecionado o livro lido por influência de outros agentes, como um bibliotecária de biblioteca escolar ou não, um *digital influencer*, uma mídia, entre outros. Tem-se, com isso, um dado que permite uma constatação interessante: os estudantes do ensino médio preferem a leitura de literatura de massa em torno da qual se produz toda uma rede de artefatos culturais, mas os grandes influenciadores na disseminação da leitura desses livros são os amigos que leram, gostaram e, por isso, indicaram a leitura para outra pessoa. Esses dados trazem para a realidade das escolas investigadas constatações que Lima, Souza e Corsi (2015) já tinham feito sobre os jovens que frequentam livrarias:

A indicação de amigos ou de outras pessoas acaba sendo um forte atrativo, pois se o leitor lê algo e gosta muito, uma de suas atitudes é recomendar essa obra a um ente querido e até mesmo emprestá-la, se tiver ao seu alcance. Essa sugestão do amigo acaba sendo um fator determinante, principalmente, para o adolescente que, como vimos, gosta de andar em grupos e trocar ideias sobre o livro lido com os colegas, sobretudo fora do ambiente escolar. Além disso, ler o que está na moda, assim como vestir-se com o que está em voga, também é uma característica dos jovens, para que se integrem ainda mais aos grupos e rodas de amigos. (Lima; Souza; Corsi, 2015, p.197)

Nestes termos, se valendo dos anglicismos da era tecnológica, podemos afirmar que existem, entre os grupos de jovens que frequentam o ensino médio aqueles/as que são *reader influencers*, ou seja, influenciadores de leitores e que, como tais, se identificados por um professor ou por um promotor de leitura e/ou formador do leitor podem se converter em parceiros de prestígio no encurtamento da distância entre os jovens e a literatura. Nesse âmbito, aquelas ações a serem desenvolvidas a partir de um “texto-base” que citamos acima poderiam perfeitamente ter como condutor/mediador aquele/a jovem reputado/a entre os iguais justamente por ser um/a leitor/a de obras que os colegas almejavam conhecer. Parece-nos, portanto, possível vislumbrar o longo alcance que indicações, análises, resenhas... feitas por esses *reader influencers* nos inúmeros aplicativos de interação virtual usados pelos jovens poderiam ter se exploradas no espaço escolar das salas de aulas e das bibliotecas ou mesmo nas bibliotecas públicas municipais, por exemplo.

Em se tratando de espaços em que os estudantes inquiridos na pesquisa declararam como locais em que tinham acesso a livros de literatura, 53% declaram ser a escola; 26%, a internet; 13,8%, a biblioteca pública municipal; 7%, a família; e 0,2% no trabalho. Além desses números um outro aspecto apontado pelos inquiridos foi a preferência pelo acesso àquilo que eles consideram literatura por meio do livro convencional e não por outros suportes. A esse respeito, 126 alunos preferiram o livro convencional; 34, o livro digital; 18, as adaptações em formatos de filmes, programas de TVs e jogos; e apenas 2 alunos preferiram o áudio-book.

Em relação aos últimos números, algo que chama a atenção é o quanto os resultados apresentados demonstram uma *opção tradicional* pelo acesso à literatura. Por exemplo, uma considerável maioria decide pelo livro tradicional como suporte, em detrimento de outras formas de veiculação da literatura, o que inclui as adaptações para jogos, cinema, TV e outras

possibilidades imagéticas de acesso aos enredos e textos de literatura. Trata-se de um dado que, no mínimo, em relação ao universo investigado, coloca em suspensão o imaginário da supremacia das Tecnologias de Informação e Comunicação como suportes dos textos literários priorizados pelos jovens. O dado permite, ainda, supor que as bibliotecas convencionais, com seus livros em códex, não estão fora do imaginário juvenil quando a questão é espaço de acesso ao livro de literatura, já que 26% dos estudantes citam esse local como espaço de acesso à literatura. Para futuras edições da investigação em causa, inquirir os entrevistados sobre as razões dessas preferências ainda associadas ao mundo “analógico” da leitura e das formas da literatura seria um caminho para perceber melhor a relação entre os jovens do contexto considerado e o universo digital que tanto tem assombrado os estudiosos que anunciam o fim do livro convencional e das bibliotecas como as conhecemos.

Como se nota nos números apresentados, a despeito da ampliação das formas digitais de acesso aos livros, os dados obtidos na pesquisa apontam que, para a realidade investigada, a escola ainda se mantém como espaço de acesso a obras que os estudantes consideram literatura, o que acentua a importância de se tomar este espaço como irradiador das práticas de instauração, veiculação e estímulo da leitura de textos e de obras literárias.

Na escola, conforme reconhece Rösing (In.: BELMIRO, 2014, p.215), “a mediação da leitura deve ser feita pelo professor”, o qual deve ser necessariamente um leitor que realiza práticas leitoras diversificadas por meio de bons livros e textos qualificados. Tal condição se trata, hoje, de um consenso já cristalizado entre os estudiosos da formação de leitores em contexto escolar, sendo inclusive reconhecida no perfil do formador de leitores críticos de textos literários que os documentos oficiais reguladores do ensino de Língua Portuguesa de nível médio almejam para o país (SANTOS, 2009). Os dados compilados na investigação de que trata este artigo, no entanto, apontam para uma constatação intrigante: se comparados os números relacionados ao espaço em que os jovens ouvidos alegam ter acesso ao livro de literatura com os anteriormente abordados – sobre como têm acesso a esses livros –, nota-se que, mesmo com 52% dos inquiridos apontando a escola como esse espaço de acesso, apenas 19% leem livros indicados por professores, em contraponto a 62% de indicação dos amigos. Logo, o que se nota é que, mesmo dentro do espaço escolar, ao que parece, não são os professores aqueles que ocupam, para os sujeitos de pesquisa, a centralidade na promoção da leitura de livros de literatura.

Esta não é exatamente uma constatação surpreendente. Isso se considerada a realidade por nós investigada – escolas de ensino médio – onde, conforme discute a vasta literatura acadêmica sobre o tema, as práticas docentes – sobretudo as efetivadas durante as aulas de Língua Portuguesa que tratam da leitura de textos literários – estão em considerável frente entre os motivos pelos quais há, no contexto escolar, um aumento do distanciamento entre os jovens e a literatura. Sabe-se, como apontam Pinheiro (In.: BUZEN; MENDONÇA, 2006) e Leahy-Dios (2000) por exemplo, que essas práticas se constituem uma ação perniciosamente para minar a relação entre a literatura e o jovem. A despeito do constante retorno de discussões de temas como abordagens historiográficas e meramente estruturalistas do texto literário que se cristalizaram na escola desse nível de ensino (SANTOS, 2014),

[...] o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. [...] Para esse jovem, Literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, p. 10)

É esse entendimento sobre o que a escola entende ser literatura que, como sugerido pelos dados compilados na investigação aqui empreendida, justificam, conforme já apontando acima, que apenas 35,4% dos jovens entrevistados apontem como preferência a leitura de literaturas de expressão portuguesa. Isso porque, ao contrário das literaturas de massa representadas pelos *best-sellers* ou das literaturas que se expressam em outras línguas de origem, as literaturas portuguesa, brasileira e africanas de expressão portuguesa são aquelas que hoje, considerado o cânone escolar vigente, são abordadas no espaço escolar brasileiro, seja em sala de aula, seja em projetos e ações de formação de leitores realizadas nos espaços escolares. Sendo assim, o contato dos jovens com obras e autores dessas literaturas, mesmo que não se dê exclusivamente na escola, tem grande potencial de ser capturado por esta instituição, em particular pela aula de Língua Portuguesa, disciplina cujo conteúdo engloba essas manifestações artísticas. Se, conforme também discute Maria (2009), a abordagem da literatura em contexto escolar de nível médio é falha, a relação entre a literatura e o jovem que ainda tem a escola como espaço de referência para acesso à obra literária tende a fragilizar.

Sinais desse cenário podem ser verificados pelos dados coletados na pesquisa em causa. No universo dos alunos que optam pela leitura de livros que não são originários da expressão em português, a grande maioria alega como razão para não gostar dessa literatura o fato de que “isso já é estudado na escola”, sugerindo, como apontado por Todorov em relação à literatura em geral, que a literatura de expressão portuguesa “é mais uma matéria escolar”. Para além dessa razão para não se simpatizarem com as literaturas de expressão portuguesa aparecem, ainda, a dificuldade com a linguagem das obras, em particular as de poesia; a abordagem de assuntos e temas chatos e desinteressantes para um jovem e o fato de essas literaturas não serem tema de conversas e discussões nos grupos de amigos e de convivência, como acontece com as de expressão inglesa, por exemplo. A despeito de toda essa relação um tanto conflituosa, não deixa ser surpreendente o dado de que o autor de prosa nacional de que os jovens inquiridos mais gostam é Machado de Assis (e a obra, *Dom Casmurro*) e, na poesia, Carlos Drummond de Andrade (e a obra, *Sentimento do Mundo*). Entre os autores portugueses, Fernando Pessoa é o único nome citado entre as preferências dos alunos, sem menção a uma obra em específico. Já entre os autores africanos de expressão portuguesa, apenas 1% do universo que alegou gostar de autores dessa língua alegaram “ter ouvido falar dessa literatura”, sem saber mencionar o nome de um autor sequer.

Já entre os pouco mais de 35% dos jovens que alegaram preferir as literaturas de expressão portuguesa, um dado que chama a atenção é a menção de que os livros lidos foram indicados/apresentados em maior parte por amigos e não por professores, sendo que os dois autores nacionais citados ao final do parágrafo anterior são os únicos, entre os mencionados pelos jovens que, em algumas escolas, foram objeto de abordagem feita pelo professor de Língua Portuguesa responsável pelo trabalho com o texto literário nos anos finais da educação básica.

Note-se que, para os interesses deste texto, surge, entre os últimos dados, um elemento que merece reflexão. Por um lado, reconhecer que *ler livros de literatura é algo que se faz na escola* aponta para a cristalização, entre os jovens investigados, de que a escola é, por excelência, o espaço da leitura literária. Trata-se de algo coerente com a mentalidade de um público jovem como o investigado, para quem, não raramente, o contato com a leitura de livros de literatura fora do espaço escolar é uma raridade. Esse reconhecimento do espaço lugar como um espaço privilegiado para se ler literatura, instaura, no entanto, um problema já amplamente reconhecido pelos estudiosos do tema:

A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. E há o ler do produto ficcional- que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse mesmo momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura (ROCCO, 2013, p. 41).

Evidencia-se, assim, que o reconhecimento, feito pelos sujeitos de pesquisa aqui considerados, da escola como espaço de acesso à literatura é um aspecto que, se por um lado, aponta para a possibilidade de este espaço de formação ocupar um protagonismo na ação de encurtar a distância entre o jovem estudante do ensino médio e a literatura; por outro, pode, se preservadas certas posturas já enraizadas no cenário escolar brasileiro, eliminar a possibilidade de reverter tal distanciamento. Logo, faz-se necessário repensar a relação entre a escola e a literatura, movimento para o qual um caminho pode ser ouvir e considerar as opiniões dos jovens que estão concluindo a educação básica no país.

Considerações finais

Neste texto, para discutir a questão da relação entre o jovem estudante dos anos finais da educação básica brasileira e a literatura, optamos por considerar dados fornecidos pelos próprios jovens acerca dessa relação. Essa opção não foi de modo algum aleatória e sim devidamente deliberada, tendo em vista a nossa convicção de que esse público tem como auxiliar na prospecção de caminhos para a formação de uma sociedade de leitores sem a qual um país com as fragilidades do Brasil não conseguirá se colocar entre as nações com melhores perspectivas de vida para sua população adulta.

Os dados e reflexões aqui apresentados apontam, como se viu, para realidades e possibilidades de ações que busquem alterar o ainda baixo interesse do jovem brasileiro pela literatura, em particular a de expressão portuguesa. Não há, claro, como dizer que se lê hoje menos do que já se leu um dia, já que quase não há ação que se despenhe atualmente que não passe pela leitura. A leitura de textos e obras literárias, no entanto, ainda é um desafio para a nação brasileira quando se trata de pensar em políticas públicas que passem pela educação formal e por outros espaços formativos que não apenas a escola – como as bibliotecas municipais, as feiras de livro, os encontros presenciais e virtuais de jovens, etc. Pelo que se viu aqui, tomar a literatura de massa, sobretudo os *best-sellers* como ponto de partida para a formação do gosto pela leitura entre a população jovem é um caminho que se vislumbra. Do mesmo modo, a escola ainda aparece como um *locus* central para a formação do leitor de literatura, assim a temida morte do livro convencional ainda parece não estar assumida pelos jovens estudantes do ensino médio aqui inquiridos. Fazer com que esses fatos todos se alinhem e possam ser acionados em favor de uma política bem-sucedida de formação de leitores requer, no entanto, rupturas com entendimentos cristalizados por aqueles que hoje são responsáveis pela formação de leitores jovens nos espaços escolares do ensino público brasileiro. Daí, acreditamos, a importância dos dados e reflexões apresentados neste texto: eles podem ajudar a identificar razões e apontar possibilidades de mudança.

Referências

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AURORA NETA, Maria. O que os jovens leem? Resignificando leitores e leituras. Disponível em http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anal17/txtcompletos/sem12/COLE_1140.pdf. Acesso em 01 abr. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em 26 fev. 2019.
- CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In.: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p.83-98.
- CORTI, A. P. **Entre a escola e os jovens**. Observatório Jovem do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação - UFF, 2006. Disponível em: www.uff.br/obsjovem. Acesso em 03 mar 2019.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática – São Paulo: Contexto, 2006.
- LAJOLO, Marisa. Ensino de literatura: desafios ontem e hoje. In.: NAVAS, Diana; CARDOSO, Elizabeth; BASTAZIN, Vera (Orgs). **Literatura e ensino**: territórios em diálogo. São Paulo: EDUC; CAPES, 2018. p.1-20
- LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. Niterói: EDUFF, 2000.
- LIMA, Sirleide de Almeida; SOUZA, Agostinho Potenciano de; CORSI, Solange da Silva. O best-seller e a formação do gosto pela leitura dos jovens leitores. **Revista Eco Pós**. Arte, Tecnologia e Mediação. V.18, n.1, 2015, p.190-204. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1387/2038. Acesso em 06 Abr. 2019.
- MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor – que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.
- MENDONÇA, Márcia; BUZEN, Clécio. **Letramentos em espaços educativos não escolares**: os jovens, a leitura e a escrita. São Paulo: Ação educativa, 2015.
- MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- OSWALD, Maria Luiza; ROCHA, Sérgio Luiz Alves da. Sobre juventude e leitura na “idade média”: implicações para políticas e práticas curriculares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 267-283, jan./mar. 2013.
- PINHEIRO, Helder. “Reflexões sobre o livro didático de literatura”. In: BUZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006. p.102-116.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Disponível em: http://www.demandanet.com/portal/publicacoes/2011/editais/a_import%C3%A2ncia_da_leitura_na_sociedade_contemporanea.pdf. Acesso em 03 abr. de 2019.
- RÖSING, Tania Mariza Kuchenbeker. Onde estão os leitores? In.: BELMIRO, Célia Abicalil... [et.al.]. **Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p.211-229.
- SANTOS, Rodrigo Alves dos. **Do professor de literatura ao formador de leitores críticos de textos literários**: um estudo sobre a (re)invenção do professor de língua portuguesa para o trabalho com a leitura literária no ensino médio. 199f. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais (MG), 2009.
- SANTOS, Rodrigo Alves dos. O caráter continuísta do discurso oficial sobre configuração de um sujeito docente para o trabalho com a leitura literária no ensino médio do século XXI. **Revista Remate de Males** (34-2), Jul/Dez (2014). Campinas, SP. p.421-441.
- SANTOS, Rodrigo Alves dos. Sobre as aulas de língua portuguesa no ensino médio: velhos dilemas, algumas proposições. In.: ANDRADE, Maria Eufrásia Barreto; ESTRELA, Sineide Cerqueira; SILVA, Irlanda Jane Menos da (Orgs). **Políticas e práticas educacionais**: dilemas e proposições. Jundiá: Paco Editorial, 2018, p.345-359.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In.: MARTINS, Aracy; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 17-48.

